



Espaço e representação na formação do professor de Ensino Religioso: arte/espiritualidade

Space and representation in the training of teachers of Religious Education: art/spirituality

Emerli Schlögl^[a], Sérgio Junqueira^[b]

^[a] Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), membro da Equipe Pedagógica da Assintec, Paraná, PR - Brasil, e-mail: emerlischlogl@hotmail.com

^[b] Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma (Itália), líder do Grupo de Pesquisa Educação e Religião (GPER), professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR, Curitiba, PR - Brasil, e-mail: srjunq@uol.com.br

Resumo

A implantação da concepção do Ensino Religioso como leitura das diferentes manifestações do religioso proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNER) somente será efetivada pela formação de professores que compreendam o espaço do sagrado. Para tal, a Associação Inter-Religiosa de Educação (Assintec), que foi criada em

Curitiba, PR, em 1972, e com uma ampla experiência em formação continuada, organiza desde meados da década de 90, encontros para professores envolvendo a reflexão sistemática sobre a questão que envolve a arte e a espiritualidade. O desenvolvimento deste projeto objetiva favorecer a releitura do fenômeno religioso, a partir da compreensão e experiência do sagrado expressas nas mais variadas modalidades artísticas.

Palavras-chave: Educação. Formação de professor. Espaço do sagrado
Arte. Espiritualidade.

Abstract

The implementation of the design of Religious Education as a reading of the various manifestations of religion proposed by the National Curricular Parameters (NCP) will be effective only for the training of teachers who understand the sacred space. To this end, the Inter-religious Education (Assintec), which was established in Curitiba, PR, in 1972, and with extensive experience in continuing education programs, organizes since the mid-nineties, meetings for teachers involving the systematic reflection on the question involving art and spirituality. The development of this project aims to encourage the reading of religious phenomena, from the understanding and experience of the sacred expressed in a variety of artistic modalities.

Keywords: Education. Teacher training. The sacred space. Art. Spirituality.

Introdução

A partir da revisão do artigo 33 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação da Educação Nacional, Lei n. 9.394/96 (BRASIL, 1996), artigo 33, alterado, em sua redação, pela Lei n. 9.475/97 (BRASIL, 1997), cabe ao Ensino Religioso a valorização do pluralismo e da diversidade cultural presente na sociedade brasileira, facilitando a compreensão das formas que exprimem o Transcendente na superação da finitude humana e que determinam, subjacentemente, o processo histórico da humanidade.

Para tal, é importante proporcionar o conhecimento dos elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas percebidas no contexto dos indivíduos. O estudo das diferentes expressões artísticas nas tradições religiosas auxilia o professor de Ensino Religioso a compreender as diversas manifestações do sagrado. Com essa perspectiva, a Associação Inter-religiosa de Educação (Assintec), uma entidade civil representativa para questões de Ensino Religioso no Estado do Paraná, desde o ano de 1973, além de ocupar-se na elaboração de material para alunos, organiza constantemente processos para formação contínua de professores para esta área do conhecimento. Especialmente para implementação do novo modelo do Ensino Religioso, a partir da leitura do religioso na sociedade, surge a necessidade de organizar um percurso de formação inicial – e simultaneamente em serviço, ou contínua – que busque novos caminhos de desenvolvimento, deixando de ser reciclagem, como preconizava o modelo clássico, para tratar de problemas educacionais por meio de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas pedagógicas e de uma permanente (re)construção da identidade do docente.

A Assintec desenvolve uma metodologia integrativa para o trabalho de Ensino Religioso, significando que busca estabelecer constantemente diálogos inter-disciplinares. Ao focar a arte sagrada, desdobramentos de diversos conteúdos tornam-se possíveis.

As leituras de diferentes manifestações artísticas oriundas do contexto religioso oferecem inúmeras possibilidades de compreensão do fenômeno do sagrado, uma vez que representam, muitas vezes, o elo entre o mundo cotidiano e o espiritual.

A arte apresenta uma riqueza inigualável no que diz respeito à riqueza de sentimentos comunicados por meio dos diferentes códigos artísticos e, portanto, mobiliza poderosas energias psíquicas naqueles que a executam e/ou a contemplam. De modo potencializado, a arte alcança o poder de induzir às pessoas a atingirem níveis alterados de consciência, em inúmeros rituais religiosos e fora deles.

O Ensino Religioso, ao tratar da questão do fenômeno religioso, lançando um olhar para as diferentes manifestações artísticas, na perspectiva da construção humana de um campo de significações simbólicas, está trazendo para a reflexão uma maneira alternativa de produzir novos significados e conhecimentos. Os símbolos artísticos de uma cultura não são apenas representações de beleza – traduzem mensagens e inspiram comportamentos.

Cada cultura religiosa se estabelece e organiza sua estruturação a partir das representações do sagrado, e as concepções do sagrado permeiam toda a sua produção artística. Encontramos ali uma gama imensa de sentidos, que modelam comportamentos e que orientam as pessoas em suas esperanças e modos de ver o mundo.

Construção de uma experiência

Em 1995 a equipe pedagógica da Assintec elaborou um projeto intitulado “Música e Espiritualidade”. O objetivo era promover, uma vez ao ano, no auditório da Biblioteca Pública do Paraná, um evento que focasse as diferentes manifestações musicais das culturas religiosas. O encontro realizar-se-ia em uma quarta feira à tarde e cantores, instrumentistas e estudiosos da música sacra estariam apresentando a música e palestrando sobre seu significado no contexto religioso. A plateia constituir-se-ia de professores da Rede Pública de Educação (SCHLÖGL, 2005).

Neste ano, o projeto foi aprovado pela diretoria da Assintec, que investiu financeiramente alugando, por uma tarde, o auditório da Biblioteca Pública do Paraná, a fim de que o projeto fosse executado. Foram apresentadas músicas sacras compostas por Bach, Mozart, entre outros. A própria equipe pedagógica da Assintec incumbiu-se de realizar a exibição artística, uma vez que havia pessoal com formação em canto lírico e educação artística que se disponibilizava a apresentar os números musicais, elaborando uma fala sobre sua significação no contexto das religiões. O pianista que fez o trabalho de acompanhamento instrumental era professor da Escola de Música e Belas Artes do Paraná e gentilmente se colocou disponível para esse evento, tendo participado ativamente como pianista ainda em outros anos, nesse mesmo projeto, iniciando então uma parceria entre a Escola de Música e a Assintec.

O Motete Exsultate Jubilate, composto por Mozart, foi apresentado na íntegra e o texto em latim, traduzido para os professores que estavam presentes na plateia. Apresentou-se uma reflexão sobre a importância da música no contexto da espiritualidade humana e como esta se desdobra em diferentes modos, escalas e ritmos, conforme a cultura em que se origina a manifestação artística, bem como sua significação no ritual religioso.

No ano seguinte o evento aconteceu no mesmo local, porém desta vez a Biblioteca Pública do Paraná isentou a Assintec do pagamento de

quaisquer taxas, pois considerou a importância da execução deste projeto para a formação do professor de Ensino Religioso. Outro fator determinante da isenção da taxa foi o fato de que o evento não possuía fins lucrativos e destinava-se exclusivamente ao trabalho de orientação e reflexão das questões vinculadas à arte e espiritualidade.

Na experiência da arte sacra, o artista muitas vezes funde-se com sua própria arte, é uma vivência mística provocada pelo exercício da criação, ou da execução de alguma obra anteriormente criada. Nela acontece a perda temporária da consciência do “eu”, anula-se o individual. “Os sufis chamam este estado de *fanà*, a anulação do ser individual. No *fanà*, as características do pequeno ser se dissolvem para que o grande Ser possa se revelar” (NACHMANOVITCH, 1990, p. 58). Este estado alterado de consciência é justamente o ponto conhecido de encontro do ser humano com o sagrado e que transborda em beleza nas músicas ritualísticas, nas pinturas sagradas, na arquitetura dos templos, enfim, em todo o tipo de arte que circunda o campo do mistério.

Porém, não apenas o artista que faz a arte, mas também aquele que a contempla encontra-se no espaço privilegiado de possibilidades da vivência do sentido do numinoso,¹ do sentido da fusão mística, ou da emoção devocional, como no caso da entoação de Bajhans, no contexto hinduísta.

E justamente nesse entendimento, os eventos “Música e Espiritualidade” foram se desenhando. Os professores foram convidados a compreender a dimensão espiritual da arte e seus significados nos contextos religiosos, incluindo aqui manifestações religiosas diversas.

Por mais alguns anos, o evento abarcou a música e seus desdobramentos no mundo religioso, incluindo aqui eventos que contemplaram a música sagrada dos povos indígenas, dos orientais, incluindo os cantos chineses de Tcherepnin. Alexander Tcherepnin (1873-1945) nasceu na Rússia, morou nos Estados Unidos por certo tempo e também na China, no período de 1934 a 1937. Pelo seu trabalho, veio a ser conhecido como compositor euro-asiático. Em 1996, no segundo evento intitulado “Música e Espiritualidade”, foram apresentados aos professores os cantos chineses de Tcherepnin, no original, com canto solo e piano, bem como foram traduzidas as músicas interpretadas e os textos relacionados à forma religiosa do pensamento taoísta chinês.

¹ O numinoso enquanto um estado afetivo que envolve o sentimento religioso, núcleo da experiência religiosa, que se mostra inacessível ao plano conceitual, isto é, racional.

Porém, nos anos seguintes o título do evento mudou, passando a ser chamado de “Arte e Espiritualidade”, a fim de alargar as fronteiras e envolver outras espécies de arte, como as plásticas, a dança, o teatro, etc.

A partir dessa mudança, em cada evento pinturas de conotação espiritual foram expostas no interior do auditório, o que vem acontecendo desde então, até os dias de hoje. O evento que marcou a mudança de título apresentou aos professores uma experiência de unificação entre a linguagem musical e a linguagem plástica. No palco, enquanto ocorria a apresentação musical, ao mesmo tempo aconteciam pinturas realizadas em estado meditativo. Pintor e músicos formavam o cenário desse momento.

Os eventos, ocorridos em uma quarta-feira do segundo semestre de cada ano, sempre contaram com a participação significativa dos professores de Curitiba, e região metropolitana, variando de 100 a 150 participantes. Tornou-se tradição na Assintec a promoção desse encontro.

Segue a relação de temáticas desenvolvidas nos eventos: óperas e duetos; música popular brasileira e Teologia; capoeira; grupos folclóricos (entre eles, ucranianos, israelenses e italianos); cantos e percussão de Umbanda e Candomblé; Tai Chi Chuan; música Hare Krishna; música sacra cristã; dança sagrada indiana (Bharata Natyam); viola caipira; mantras; arte indígena (incluindo cantos, danças e objetos decorativos); apresentação de corais, inclusive grupos de escolas municipais de Curitiba; entre outras apresentações.

As palestras que seguiam as performances artísticas focaram questões como: técnica vocal e espiritualidade; a dança na busca do encontro com o divino; a cultura afrodescendente; religião e arte; o folclore e as formas de acreditar dos povos; Tai Chi Chuan e Taoísmo; territórios do sagrado (dialogando com a geografia); cantos sagrados e fórmulas de poder religioso; aspectos da Teologia apontados pelos cantos populares brasileiros; música regional e espiritualidade; a arte indígena e os comunicados do espírito; mensagens espíritas em reflexão; criança e religiosidade, entre outras.

Os palestrantes e artistas convidados contribuíram de modo a não receber nenhum valor monetário como troca, o que permitiu que o projeto continuasse sem interrupções e obtivesse sucesso no decorrer desses anos todos. A mais recente edição do Encontro “Arte e Espiritualidade”, a de número 15, ocorreu no dia 18 de novembro de 2009.

Por questões de responsabilidade social, a Assintec interagiu com a aldeia indígena Karugá, de modo diferenciado. A Aldeia Karugá

(“Arco-Íris”), situa-se no município de Piraquara e abriga cerca de 13 famílias, o que compõe uma população de aproximadamente 60 pessoas. As condições de vida da comunidade são bastante difíceis, pois vivem apenas da venda de seu artesanato, de um CD e de pouco plantio. Dependem da doação constante de visitantes e pessoas que se inserem na causa indígena e viabilizam projetos para melhoria da qualidade de vida dessa população.

Neste contexto, a Assintec não podia apenas usufruir da participação da comunidade levando-os a falar aos professores sobre sua organização religiosa e apresentar danças e cantos sagrados. A Assintec precisava contribuir e, de maneira intensiva, lançou campanhas com os professores para coletar alimentos não perecíveis, materiais de limpeza, roupas e produtos de higiene pessoal. Foram três campanhas em anos diferentes, que, por conta da participação efetiva dos professores de Curitiba e outras pessoas não vinculadas à educação, resultou em algum benefício para as pessoas índias da aldeia Karuguá. Também a alimentação e o transporte nos dias de apresentação no evento ficaram por conta da Assintec.

Desse modo, com a contribuição de muitos e com a valorização do evento por parte dos professores do município, que afirmam constantemente a importância desse projeto em sua formação enquanto profissionais do Ensino Religioso, a Assintec vem tratando dos encontros de “Arte e Espiritualidade” com muita seriedade, pois está consciente de seus desdobramentos no favorecimento da compreensão das diferentes manifestações do sagrado.

A abordagem e compreensão das formas artísticas no estudo do fenômeno religioso se alicerçam na perspectiva da vinculação profunda entre arte e religião, apontada por Calvani (1998, p. 80), que define a experiência estética como a experiência de contato com o divino, pois, conforme o autor, “Deus se revela na obra de arte”.

Não resta dúvida de que a teologia da cultura toma uma posição bastante corajosa, pois anuncia, não apenas no plano teórico (como uma possibilidade), que Deus não está preso às religiões para manifestar-se no mundo. Esse anúncio ultrapassa a retórica e busca comprovações quase “empíricas”; busca provar que Deus não apenas pode manifestar-se nas obras de arte, como de fato se manifesta nelas por meio delas e que tal revelação é, por vezes, mais densa do que as religiões estariam dispostas a admitir (CALVANI, 1998, p. 80-81).

Nessa perspectiva, o projeto da Assintec de refletir sobre as questões da arte vinculadas à espiritualidade teve que transcender o limite da própria instituição religiosa, lançando um olhar para a música popular brasileira, músicas étnicas, pinturas inspiradas, etc.

O sagrado na arte e a representação no espaço

A palavra “arte” já inicia com as duas letras que formam o som e o sentido do termo “ar”, e de fato a existência da arte se sustenta na inspiração criadora. Ao artista importa transformar a inspiração em ato, para isto utiliza diferentes formas, como música, pintura, desenho, escultura, arquitetura, dança, teatro, poesia, etc. Para a concretização da ideia inspirada, o artista faz uso da técnica (*ars*, do latim, significa habilidade, técnica) e, deste modo, viabiliza a expressão de uma totalidade compreendida como sensação, sentimento e pensamento, em forma estética.

Ciência, arte, filosofia e religião, citadas pelos gnósticos como os quatro pilares do conhecimento se encontram e se entrelaçam na expressão dos sentimentos dos seres humanos diante da vida. Sandner (1997, p. 15), ao escrever sobre a religião navajo clássica, dirá que “a religião, a medicina e a arte são inextricavelmente entrelaçadas numa admirável união do propósito”. Desde a prática xamânica até os dias de hoje, o relacionamento entre religião, filosofia, arte e ciência transforma o mundo e define espacialidades.

Conforme Bowker (2004), o xamanismo é uma palavra utilizada para descrever variadas práticas religiosas primitivas que sobreviveram até os dias atuais. O autor define os xamãs como pessoas inspiradas e carismáticas. São mulheres e homens que desenvolvem poderes de comunicação com o mundo invisível. Dos xamãs aos pais de santo, padres, rabinos, entre outros, encontramos a evidente marca do estabelecimento de relações entre o humano e o divino. Nesse particular, a arte constrói pontes que favorecem essas comunicações.

Bowker (2004, p. 10) dirá que “os arqueólogos Jean Clottes e David Lewis-Williams, por exemplo, argumentam que muito da arte rupestre retrata crenças e práticas associadas ao xamanismo”.

Das inscrições nas paredes das cavernas aos afrescos de igrejas, encontra-se a evidente expressão do contato do humano com o divino. Toda arte religiosa configura-se em poder: certas vezes a arte era temida

por conta de sua capacidade de influenciar pessoas, emocionar e conduzir a estados psicológicos diversos.

No Concílio de Trento, no início da reforma, para salvar o catolicismo ameaçado, uma das preocupações foi controlar a arte, vigiar de perto a iconografia. [...] Era admitir que as imagens tivessem ao mesmo tempo o poder de transviar os espíritos da ortodoxia e o de entregar à Igreja, pela sua força persuasiva, a conduta dos espíritos abalados pelo protestantismo. Os poderes religiosos, muitas vezes, até tiveram receio do poder das imagens; julgava que desviariam os espíritos da direção esperada para lhes impor, insidiosamente, outra. S. Bernardo, numa célebre carta, referia-se à captação das almas de que a arte, mesmo religiosa, talvez viesse – como ele receava – a tornar-se culpada (HUYGHE, 1986, p. 19).

A arte, no contexto das religiões, permeia praticamente todos os seus momentos, desde a construção do texto sagrado, que passa pela metáfora poética a fim de exprimir por meio de seu símbolo aquilo que é inexprimível de outra maneira, até a construção de seu espaço, por meio da arquitetura, que promove a transformação do lugar a fim de que o sagrado seja expresso em uma localidade, uma espacialidade construída e definida pelos seres humanos, ou ainda na delimitação de uma espacialidade natural que se torna lugar privilegiado de encontro com o divino. Exemplos: a construção de uma mesquita, com seus minaretes que apontam para o céu, onde simbolicamente habita Deus, ou uma montanha que em seus contornos e belezas naturais torna-se a expressão do próprio corpo divino.

As pinturas nos templos, as cores, vestimentas, aromas, sabores, sons e a própria construção dos templos revelam de maneira estética – e, portanto, artística – mensagens sobre o transcendente/imaneente e visa a proporcionar uma experiência religiosa.

Nota-se, do mesmo modo, que questões econômicas evidenciam-se na maneira como as pessoas fazem uso das criações de formas artísticas que as tradições geram, preservam e veiculam para seus seguidores. Templos tornam-se cada vez mais suntuosos, as músicas sacras necessitam de palcos favorecidos pela tecnologia do som, as reproduções das obras sacras são comercializadas, gerando fluxo monetário para a administração dos centros religiosos.

Por outro lado, existem momentos e comunidades formadas com base em outras estruturas, e que seguem valores diferenciados.

Tornar-se pajé é um processo de aprendizado longo, difícil e penoso. Exige-se tanto em termos de conhecimentos detalhados, equipamentos especiais e memorização precisa de cantos, preces e pinturas, que um curandeiro, em geral, sozinho consegue apenas alguns grandes cantos durante uma vida inteira (SANDNER, 1997, p. 32).

A prática da pajelança, muitas vezes com função curativa, exige a elaboração simples do espaço, pois comumente se realiza no interior da própria oca ou em algum outro lugar privilegiado da natureza, mas exige do pajé cantos precisos, movimentos, etc. Certas vezes, é próprio pajé que faz o desenho ritual na areia, uma espécie de mandala, na qual o indivíduo que busca a cura é inserido e que define um espaço sagrado e estético, ao mesmo tempo. Nesse caso, a estética e a sacralidade se fundem em uma só expressão.

Nos mitos, os deuses-criadores, usando materiais simples que têm nas mãos – a água, o fogo, a luz da lua, o barro –, improvisam a terra e o mar, o mundo animal e vegetal, a sociedade humana, as artes, o cosmos e a história. Esses processos criativos são um paradigma de como os nossos processos criativos funcionam nesses especiais momentos de beleza em que a obra flui e se expressa e processo e produto são uma coisa só (NACMANOVICH, 1990, p. 41).

O autor estabelece uma relação entre o processo criador (improvisação) e o misticismo que possibilita, nas religiões, a experiência direta com o sagrado. Desse modo, a arte intenciona, no espaço religioso, promover a experiência do contato direto com o divino.

Sobre a música, afirmou Hamel (1976, p. 270) que:

[...] através dela pode-se chegar à concentração e à meditação independentemente do pensamento. Neste sentido, ela lança uma ponte entre a consciência e o inconsciente, entre a forma e a ausência da forma. Se há algo que pode ser apreendido pela razão e que existe realmente, mas que ao mesmo tempo não tem forma, isso é a música.

Em sua estruturação, a música abrange a racionalidade, inclusive a matemática, mas também provoca sentimentos e estados emocionais. Pode provocar uma espécie de estado alterado de consciência em que se envolve

integralmente com ela. A ciência conhecida como musicoterapia utiliza-se dos elementos constitutivos da música (melodia, ritmo e harmonia), a fim de mobilizar o ser humano em seus aspectos físicos, emocionais, mentais, sociais e cognitivos. E as religiões fazem uso desta arte na mobilização também dos aspectos espirituais.

As artes plásticas, como as demais artes, possuem estreita vinculação com o território do sagrado, pois as artes também configuram espacialidades e definem sacralidades. Michelangelo, por exemplo, em seu trabalho como artista, dialogava constantemente com a temática religiosa, e quando trabalhou suas pinturas na Capela Sistina, buscou a experiência da união mística com Cristo. Inclusive, declarou que sua intenção ao pintar a capela era levar o fiel, por meio da contemplação de sua arte, ao encontro direto com Deus.

No âmbito da Geografia Cultural, o interesse pelas diferentes formas de comunicação artísticas das sociedades tem sido ponto de interesse dos geógrafos, pois compreendem que a rica simbologia veiculada por meio dos códigos artísticos é também um importante componente da estruturação espacial. Para Cosgrove (2003), os códigos culturais de comunicação (ou seja, a produção simbólica dos seres humanos) incluem, além de outros elementos, a música, a dança, o ritual e a cerimônia. Compreender esses símbolos implica também perceber diferentes configurações espaciais do mundo habitado, material e geográfico, no qual a arte, mesmo que colocada certas vezes em segundo plano, exerce um poder imenso de inspirar, comunicar e transformar.

A forma, seja ela geográfica ou outra qualquer, no que se refere ao criar humano, estreita relações com a estética. O Bem e o Belo já preocupavam os filósofos gregos em suas assertivas sobre a filosofia. Não apenas os gregos, mas culturas orientais, indígenas, africanas, entre outros povos, articulam diálogos profundos entre o Bem (Sagrado) e o Belo (as Artes).

Fazendo parte deste mundo estético está a arquitetura religiosa. Em 2007, precisamente nos meses de agosto e setembro, a Assintec elaborou um informativo veiculado a todos os professores do município de Curitiba e Secretarias Municipais de Educação do Estado, intitulado “O Sagrado na Arquitetura Religiosa”, tendo por objetivo aprofundar conhecimentos sobre o significado da arquitetura das diferentes tradições religiosas e místico-filosóficas. O informativo apresentou imagens como a da Casa de Adoração da Fé Bahá'í, em forma de flor de lótus, na cidade de Nova Delhi (Índia), com suas nove portas, indicando que os indivíduos poderiam entrar no templo vindo eles de qualquer uma das grandes religiões do mundo, e todos se encontrariam

em seu interior. Esse informativo também veiculou a imagem das cúpulas estreladas de um templo ortodoxo Russo, em estilo bizantino. Nesse caso, as três abóbadas representariam a trindade: pai, filho e espírito santo, que forma uma crença compartilhada por diferentes igrejas cristãs.

No corpo do caderno informativo, o significado da arquitetura sagrada de muitas tradições foi contemplado: o templo da Antiga e Mística Ordem Rozacruz, do Budismo, do Centro Ramakrishna Vedanta, do Centro Espírita, dos templos Védicos Vaishnavas, da Igreja Ortodoxa Ucraniana, da Igreja Católica Apostólica Romana, da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, da Igreja Presbiteriana do Brasil, da Igreja Messiânica Mundial do Brasil, da Igreja Ecumênica da Religião de Deus, do templo sagrado da Seicho-No-Ie do Brasil, dos templos religiosos de matriz africana e do Salão do Reino.

Toda essa reflexão levada aos professores de Ensino Religioso do Estado do Paraná tinha por objetivo atrair a atenção do docente para a arte religiosa e sua significação quando modeladora de espaços sagrados, destinados à oração, rituais, encontro entre fiéis e principalmente, símbolo do encontro possível do ser humano com o sagrado. A estética, nesse sentido, parece cumprir papel de ponte, de mediadora e facilitadora da experiência mística.

Considerações finais

Os seres humanos criam símbolos e também amam os seus símbolos, verdadeiramente, pois estes portam muito mais do que complexas significações: estão carregados de afetos, unindo, no sujeito, polaridades racionais e emocionais.

Por exemplo, quando uma cidade se torna berço para alguém, torna-se a continuidade do seu próprio corpo e alma. A terra natal é cantada, desenhada, idealizada e amada. No exilado, a condição de afastamento da pátria, proporciona, muitas vezes, sentimento de perda de si mesmo, ou de uma parte de sua própria “alma”.

Amar o universo infinito é dar um sentido material, um sentido objetivo à infinitude do amor por uma mãe. Amar uma paisagem solitária, quando estamos abandonados por todos, é compensar uma ausência dolorosa, é lembrar-nos daquela que não nos abandona... Quando amamos uma realidade com toda a nossa

alma, é porque essa realidade é já uma alma, é porque essa realidade é uma lembrança (BACHELARD, 2002, p. 120-121).

A arte religiosa expressa justamente essa “saudade” de um espaço para o qual se projetam os desejos humanos. Nesse contexto, a arte sagrada é a expressão da saudade que os seres humanos sentem de uma “terra sem males”, de um paraíso, do amor incondicional de Deus, da Deusa, dos Deuses.

Quando os salmos são cantados, quando a madona é esculpida, a dança ritual do fogo realizada, o mantra pronunciado, quando é encenada a saga de Deuses e demônios, quando o templo é esculpido em estado meditativo, ou estado de oração, a arte sagrada imprime seus contornos em espacialidades diversas. Atua intra e extrapsiquicamente e, portanto, mobiliza sentimentos, palavras e atitudes.

Tendo em vista que o Ensino Religioso objetiva compreender o fenômeno religioso enfocando as diferentes manifestações culturais que acontecem no interior das culturas humanas, o diálogo inter-disciplinar mostra-se eficiente nesta busca de compreensão.

Por volta de 1870, estudiosos alemães pesquisaram com afinco a percepção humana, o que gerou a psicologia da Gestalt. Perceberam que o todo não resulta apenas da soma de suas partes; ele é mais do que isto, porque o todo consiste também no resultado da interação entre as partes. O mundo objetivo interage com o mundo subjetivo gerando então produções e significações.

Nessa perspectiva, trabalhar o Ensino Religioso de modo interdisciplinar, estabelecendo diálogos possíveis entre as partes (disciplinas) que formam o todo (conhecimento), implica realizar buscas e estabelecer contato com as artes, a geografia, a linguística, entre outras abordagens, a fim de compreender o fenômeno religioso tal como acontece nas diferentes espacialidades e por meio de diversos códigos simbólicos.

Desse modo, a educação e, no caso, o Ensino Religioso trabalham na perspectiva integrativa, não apenas visando à interdisciplinaridade, mas também levando em consideração que o aluno também se constitui em uma totalidade, que inclui aspectos físicos, racionais, afetivos e espirituais.

Yi-Fu Tuan (1983) afirma que a experiência é constituída pela resultante do sentimento e do pensamento. Para ele, ambos são extremidades de um *continuum* experimental e, portanto, ambos formam maneiras de conhecer.

A arte proporciona uma maneira de aprender e de conhecer bem peculiar, pois promove a experiência no sujeito. E a experiência que

acontece no corpo vibra no pensamento e no sentimento humano, criando novas significações e novas possibilidades e compreensão, cada vez mais aprofundadas.

Nestes anos em que a Assintec vem desenvolvendo o projeto intitulado “Arte e Espiritualidade”, esse exercício de conhecer ampliando horizontes e buscando integrar pensamento e sentimento tem se mostrado favorável, afirmação esta originada do resultado das avaliações feitas pelos professores da rede municipal de Educação de Curitiba, que participam assiduamente dos eventos e que relatam como esta proposta torna-se útil e positiva quando aplicada regularmente, em sala de aula, nos encaminhamentos metodológicos.

O saber e o sentir considerados de maneira integrativa permitem que a abordagem interdisciplinar e, no específico desta proposta, que o estudo das diferentes manifestações do sagrado sejam realizados por meio de uma metodologia que, além do saber, inclui também o sabor, metaforicamente falando.

Referências

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. p. 27833. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=75723>>. Acesso em: 23 jul. 2009.

_____. Presidência da República. Lei n. 9.475/97, de 22 julho de 1997. Alteração, normas, correlação, facultatividade, disciplina escolar, religião, estabelecimento de ensino, ensino fundamental, território nacional, competência, sistema de ensino, fixação, conteúdo, disciplina escolar, religião. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, Congresso Nacional, 23 jul. 1997. coluna 2, p. 15824. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?tipo_norma=LEI&numero=009475&data=1997&SUBMIT1=Pesquisar>. Acesso em: 21 out. 2009.

COSGROVE, D. Em direção a uma geografia cultura radical: problemas da teoria. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 103-134.

BOWKER, J. **O livro de ouro das religiões**: a fé no ocidente e oriente, da pré-história aos nossos dias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

CALVANI, C. E. B. **Teologia e MPB**. São Bernardo do Campo, SP: Loyola, 1998.

HAMEL, M. P. **Autoconhecimento através da música**: uma nova maneira de sentir e de viver a música. São Paulo: Cultrix, 1976.

HUYGHE, R. **Sentido e destino da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

NACHMANOVICH, S. **Ser criativo**: o poder da improvisação na vida e na arte. São Paulo: Summus, 1990.

SANDNER, D. **Os navajos e o processo simbólico da cura**: uma investigação psicológica dos seus rituais, magia e medicina. São Paulo: Summus, 1997.

SCHLÖGL, E. **Não basta abrir as janelas**: o simbólico na formação do professor. 2005. 217 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2005.

TUAN, Y-F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

Recebido: 23/10/2009

Received: 10/23/2009

Aprovado: 10/03/2010

Approved: 03/10/2010